

VARIAÇÃO E MUDANÇA NA SOCIOLINGÜÍSTICA E NA GRAMÁTICA DO PORTUGUÊS

José Pereira da Silva (UERJ)
jpsilva@filologia.org.br

RESUMO

Na oportunidade em que será lançado o livro *Sociolinguística: Trabalhos de Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Portuguesa*, aproveito para apresentar rapidamente algumas reflexões sobre a questão das variações linguísticas, frequentemente discriminadas por pessoas que não veem a língua do ponto de vista social da sociolinguística, levando alguns linguistas a dedicarem vários trabalhos sobre preconceito linguístico e algo do gênero. Sem atacar nem defender os sociolinguistas, entre os quais não escapam, por exemplo, Marcos Bagno, Mário Alberto Perini e Stella Maris Bortoni-Ricardo, será lembrado que toda mudança linguística ocorre depois de um período de variação, em que uma das variantes se sobrepõe às outras e estas deixam de ser utilizadas pelos usuários da língua. Considerando que não há língua estática e que todas elas estão em constante mudança, é muito importante a observação das variantes atuais para entendermos melhor o que ocorreu no passado e o que, possivelmente, ainda ocorrerá em nossa língua, independentemente de haver ou não uma variante exemplar (ou língua padrão) sobrepondo-se socialmente sobre as outras variantes, normalmente ensinada na escola.

Palavras-chave:

Variação. Mudança. Sociolinguística. Preconceito. Gramática.

1. Considerações preliminares

A preocupação do professor de língua portuguesa, nos países em que esta é a língua oficial e primeira língua da maior parte da população, como é o nosso caso, deve estar baseada na consciência de que

A escolha de um registro, formal ou informal, corrente ou rebuscado, depende em última instância do falante, dos objetivos que ele persegue e da situação de comunicação ou das atividades de linguagem que ele suscita ou que o solicitam. A escola, portanto, deve respeitar essa prerrogativa e organizar sua pedagogia de tal modo que a criança tenha não só um repertório extenso, mas também que saiba se servir dele adequadamente e que tenha o gosto de fazê-lo. (GAGNÉ, 2002, p. 215, *apud* SILVA, 2017, p. 9)

Segundo Gilles Gagné, portanto, é quase essencial que os professores tenham plena consciência da importância sociolinguística da escola, no ensino da língua materna, para que seus alunos tenham motivação e condições de fazer essa adequação, quando necessária ou conveniente.

Evidentemente, como o professor de língua portuguesa pretende preparar seus alunos para conseguirem utilizar com eficiência a sua língua, deverá proporcionar-lhes a oportunidade de aprenderem outras variantes que não sejam as de sua comunidade. Entre essas variantes, naturalmente, a escola não pode deixar de ensinar a língua padrão e conscientizar seus alunos de que é necessário fazer o uso correto da língua, considerando sempre o contexto e a situação de uso. Neste sentido, vale a pena ler o que escreveu Edieme de Almeida Moreira Santos (2017).

2. *Sociolinguística*

Nem sempre se fala de sociolinguística com pleno conhecimento do que ela é e desapaixonadamente. Aliás, quase sempre se tem falado de sociolinguística com uma carga emocional mais forte que o razoável para uma reflexão acadêmica e científica, tanto os defensores quanto os adversários. Neste segundo caso, pior ainda, porque há muitos que detestam a sociolinguística, mas nem sabem o que é, não querem saber e têm raiva de quem sabe.

Há mais de um século, Ferdinand de Saussure já explicava que a língua é um fato social e só existe porque as pessoas se comunicam por meio dela, porque a língua existe para estabelecer e manter a comunicação no grupo social.

Ele já sabia que a língua que é um fenômeno *social* que pertence a todo o grupo e não aos indivíduos, isoladamente.

Tanto que ensina, no *Curso de Linguística Geral*, que se trata

de um tesouro depositado pela prática da fala por todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro ou, mais exatamente, nos cérebros dum conjunto de indivíduos, pois a língua não está completa em nenhum, e só na massa ela existe de modo completo. (SAUSSURE, 2012, p. 45)

Para Castelar de Carvalho (2004, p. 106), citando Saussure, a língua “é, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (SAUSSURE, 2012, p. 41). Mais ainda, ela é “a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la; ela não existe senão em virtude de uma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade”. (*Idem, ibidem*, p. 46)

Não podemos dizer que Ferdinand de Saussure fundou a sociolinguística porque ele não estava interessado nas relações entre a língua e a sociedade, mas nas relações *internas* da língua, para dar cientificidade à linguística conforme o conceito de ciência que vigorava na época.

Considerando língua como uma complexa estrutura de distinções entre fonemas, morfemas e palavras, Saussure imaginava a língua de uma comunidade como uma coisa mais *estável* do que a *fala* de qualquer um de seus membros, visto que a *fala* dos indivíduos pode variar, pode até ter "erros", e pode falhar, mas a *língua* é um sistema abstrato, completo e unificado de relações, e, neste sentido, não pode ter erros nem falhas. (Cf. MCCLEARY, 2009, p. 4)

3. *Variação linguística*

É muito importante lembrar que a variação está em todas partes da língua: na fonética, na morfossintaxe, na semântica e no léxico.

O primeiro tipo de variação que notamos é que existem muitas línguas *diferentes* no mundo. [...] Mas existe também muita variação *dentro de cada língua, o tempo todo*, e essa variação é um fenômeno perfeitamente normal e extremamente útil. (MCCLEARY, 2009, p. 5)

Como só muito recentemente a língua falada passou a ter mecanismos de fixação por meio de gravações, as línguas só eram estudadas a partir de textos escritos, fixados na forma que foram produzidos. Assim, o pesquisador podia retornar a eles quantas vezes precisasse.

Comparando textos de várias épocas, no entanto, os filólogos descobriram que as línguas mudam com o tempo, mesmo tomando como *corpus* apenas a língua escrita, que sempre foi muito mais padronizada que a língua falada. Além disso, considere-se que os textos eram escritos, normalmente, por homens adultos cultos das classes mais favorecidas e, por isto, não retratavam os usos diários da língua pelas pessoas comuns.

Considerando essas limitações, o estudo das variações linguísticas dentro de uma mesma língua, relativamente às possibilidades atuais, ficava muito prejudicado, apesar de serem facilmente percebidas as variações entre línguas diferentes, principalmente porque são muito grandes, ao contrário do que acontece com as variações dentro da mesma língua.

Na variação regional, por exemplo, os diferentes sotaques ou pronúncias são identificados com relativa facilidade.

Quando as variações na fala de uma região para outra são mínimas, são denominadas "falares"; quando são mais profundas, no entanto, indo além da pronúncia e do léxico, são chamadas "dialetos", exceto na sociolinguística, em que todas são tratadas como variações regionais.

Mas a variação não ocorre apenas de uma região para outra, porque a mesma pessoa pode demonstrar variação na sua capacidade de usar a língua, dependendo da situação, da pessoa com quem fala, do assunto, do estado físico ou emocional e da tarefa a ser executada.

Ninguém fala do mesmo modo, por exemplo, com um idoso e com uma criancinha; nem é do mesmo modo que fala quando está alegre e quando está aborrecido; assim como não fala com o entrevistador quando está discutindo os tópicos sobre os quais será entrevistado e, com o mesmo entrevistador, quando estiver frente à câmara, com o microfone ligado. São formas diferentes de falar, são variações da mesma língua.

Naturalmente, dependendo do contexto, o mesmo falante utiliza variações diferentes de sua própria língua, tornando-se, como diz Evanildo Bechara (1987), um "poliglota em sua própria língua".

4. A mudança linguística no tempo

Como lembra Tânia Maria Alkmim (2001, p. 22), as teorias da linguagem sempre refletem concepções particulares de fenômenos linguísticos e compreensões distintas de seu papel na vida social, de modo que, em cada época, as teorias linguísticas definem, a seu modo, a natureza e as características relevantes do fenômeno linguístico.

Como se sabe, cada estado da língua é resultado de um longo e contínuo processo histórico, e as mudanças linguísticas estão ocorrendo em cada momento, ainda que imperceptivelmente. Assim como ocorre em qualquer língua, o português do século XV não é o mesmo do português do século XXI, assim como português do futuro será diferente do português atual.

Apesar das mudanças linguísticas, as pessoas continuam a se comunicar enquanto a língua passa por períodos em que, provavelmente, deve ter havido pouca sistematicidade, porque essas mudanças não afetam a estrutura da língua, que continua estruturada enquanto as mudanças vão ocorrendo. (Cf. COELHO, 2012, p. 91)

As mudanças linguísticas ocorrem de várias maneiras, tanto que, como se sabe, as línguas românicas atuais são mera transformação do latim que era falado na Europa, nas diversas formas que tomaram na expansão do Império Romano.

Também se sabe que há situações em que uma língua pode começar a ser utilizada como língua franca em determinada comunidade (é o caso dos pidgins) e, depois de algum tempo, passar a ser a sua língua materna (é o caso dos crioulos).

No vocabulário, as línguas também podem mudar rapidamente, embora isto não ocorra na gramática

A mudança lexical é muito importante, principalmente em culturas dinâmicas, como a nossa, em que o conhecimento científico e tecnológico cresce dia a dia. Não se pode esperar que a língua que era perfeita para falar sobre os fatos e os objetos do mundo de 1800 seja igual à língua de que precisamos para falar sobre os fatos e os objetos do mundo de hoje! Quando a sociedade muda, quando a tecnologia muda e quando as ideias mudam, a língua tem que acompanhar. A tendência da mudança lexical é a de aumentar o léxico de uma língua, de fornecer mais opções de palavras para os falantes da língua. Ao mesmo tempo, outras palavras sempre deixam de ser usadas; elas caem em desuso e tornam-se arcaicas. (MCCLEARY, 2009, p. 31)

Na página 38 de seu trabalho, Leland McCleary apresenta a seguinte tabela, bastante realista, relativamente às mudanças linguísticas em sua evolução lexical, desde as primeiras interferências de palavras estrangeiras que entram na língua até à sua completa absorção pela sociedade, ocorrendo, normalmente, na seguinte ordem: 1) interferências, 2) gírias e jargões, 3) estrangeirismos, 4) aportuguesamento, 5) empréstimos, 6) dicionarização e 7) absorção.

1) Na interferência, pessoas bilíngues introduzem a palavra estrangeira na sua fala em português.

2) Gírias e jargões começam a ser utilizados por pessoas que convivem ou trabalham juntos, incluindo a palavra estrangeira na sua fala diária, começando a mudar a pronúncia para o padrão do português, apesar de manter a ortografia original.

3) O estrangeirismo se estabelece quando a palavra começa a ser utilizada por um público maior, aparecendo nos jornais, na televisão e no rádio, continuando a mudar a pronúncia para o padrão brasileiro, mantendo-se a forma original na escrita, geralmente entre aspas ou em itálico, e começando a aparecer alternativas ortográficas mais próximas ao padrão do português.

4) O aportuguesamento ocorre quando uma ortografia aportuguesada começa a aparecer com frequência nos meios de comunicação para competir com a ortografia original ou quando a ortografia original perde a grafia em itálico. Neste caso, a palavra é usada por pessoas que desconhecem sua origem.

5) O empréstimo é caracterizado quando a palavra passa a ser usada normalmente como qualquer palavra no português, inclusive com ortografia aportuguesada. Além disso, ela começa a sofrer flexão e derivação pelas regras do português.

6) Dicionarização já é o reconhecimento da palavra como integrante do português, aparecendo nos dicionários, ora com a grafia original, ora com a grafia aportuguesada ou com as duas simultaneamente.

7) Por fim, a absorção da palavra ocorre quando ela perde totalmente sua identidade de palavra "estrangeira" e começa a ser considerada simplesmente como mais uma palavra legítima do português, sem questão de origem.

A situação é idêntica, para as mais diferentes formas de mudanças linguísticas, desde que tem início uma variação até a sua completa absorção pela sociedade, inclusive com aquelas variações que nunca chegam a anular as outras, permanecendo como variantes concorrentemente, sem nunca se sobrepor umas sobre as outras.

Na mesa-redonda sobre "Um percurso historiográfico da obra literária de Ismael Coutinho", que ocorreu hoje de manhã, apresentei uma fala sobre "Variação linguística na percepção de Ismael Coutinho, no poema 'Dois Roceiros'" (COUTINHO, 2011, p. 188-197), mostrando vários tipos de variantes linguísticas que ocorriam no início do século XX e que ainda ocorrem hoje, no Brasil, principalmente na fala de camponeses analfabetos ou semialfabetizados. Na edição completa dos *Anais do XXI CNLF*, será publicado juntamente com o texto que estamos apresentando agora.

5. Linguística Aplicada

Linguística aplicada é uma ciência autônoma, independente da linguística teórica – um campo de estudo transdisciplinar que estuda, investiga e oferece soluções para problemas relacionados com a linguagem em geral, dialogando com grande quantidade de outros campos de estudo

que também demonstram preocupação com a linguagem, tais como a educação, a filosofia, a psicologia, a antropologia, a política e a sociologia.

Antes de ser estabelecida como ciência, houve quem a considerasse uma vertente de aplicação das teorias linguísticas, voltadas para as questões de ensino e aprendizagem de línguas, por exemplo. Hoje, ela interage com muitas outras especialidades como a filologia, a análise do discurso, a sociolinguística, o bilinguismo, o letramento, a tradução, a identidade, a cultura, a lexicologia, as políticas educacionais etc., com as quais desenvolve pesquisas qualitativas e quantitativas, embora as pesquisas qualitativas continuem sendo a mais frequentes.

Pode-se dizer, portanto, que linguística aplicada é o estudo da linguagem nas práticas do dia a dia e de suas variações e usos, porque é por meio da língua que tudo se faz na sociedade. Seguramente, sociolinguística, ensino e linguística aplicada têm interações muito intensas, principalmente quanto a variações e usos da linguagem, resultando ou não em mudanças linguísticas.

6. *Ensino de língua portuguesa*

Ensina-se uma língua, oferecendo os elementos básicos para se comunicar por meio dela, como ocorre no ensino de língua estrangeira, ou demonstrando a importância de se dominar determinada variedade da língua dentro de um sistema (que está sempre em mudança), considerando seriamente o seu prestígio social, econômico, político, acadêmico, etc., de modo que se trata de uma questão crucial nas chamadas línguas de cultura, que oficializam uma língua padrão, como é o nosso caso.

Entre os produtos culturais de qualquer povo, a língua é o item que tem maior valor comercial, pois é o primeiro e mais importante elemento que precisa ser adquirido para, por meio dela, conhecer e dominar os outros elementos culturais de um povo ou de uma comunidade.

Falando uma língua estranha, não dominada pelo grupo, ninguém consegue sucesso razoável, mesmo que seus empreendimentos nada tenham a ver com a questão de cultura linguística.

É preciso, é indispensável falar bem. Ou seja: é preciso falar adequadamente a língua do interlocutor para que haja pleno entendimento, porque a comunicação linguística só ocorre plenamente quando há per-

feita sintonia no dialogismo entre o sujeito e o outro: entre falante e ouvinte, entre escritor e leitor, entre professor e aluno.

Essa troca de impressões linguísticas é a base de qualquer língua, porque ninguém fala para si mesmo, de modo que só existe língua quando há diálogo, mesmo quando essa interação ocorre sem a utilização da linguagem oral ou escrita, manifestada apenas por gestos, por movimentos ou fisionomicamente.

7. Gramática e ensino

Há muitos anos vem sendo combatido o ensino da gramática como base para o ensino de língua materna. Pelo menos, desde a década de 1970, com Celso Pedro Luft, continuando até hoje, com argumentos diferentes, quase todos muito convincentes, ao menos nos contextos de sua formalização, como se pode ler em Evanildo Bechara (1987), Sirio Possetti (1996), Mário Alberto Perini (1997) e muitos outros têm escrito e falado muito.

Isto não significa, nem nunca quis dizer que o ensino de gramática deva ser excluído, mas que seja feito em outros moldes e, principalmente, àqueles a quem isto interessa.

A terminologia básica, por exemplo, dificilmente poderia ser excluída do ensino, pois é difícil falar de qualquer coisa sem lhe dar o nome específico, assim como não pode ser excluído nem minimizado o ensino de gramática àqueles que vão trabalhar com o ensino de língua.

Falando sobre os fatos da língua, os professores poderão menosprezar a nomenclatura gramatical, pelo menos no ensino fundamental, mas não deverão excluí-la de suas aulas, de modo que as crianças aprenderão como a língua funciona, sem se sentirem cobradas especificamente sobre terminologia gramatical.

8. Considerações finais

Considerando a política linguística desenvolvida a partir dos *Parâmetros Curriculares Nacionais* e das políticas linguísticas desenvolvidas a partir daquela década, não se pode mais desconsiderar as questões sociolinguísticas na escola, principalmente quando se trata de preconceitos linguísticos relacionados às variantes de menor prestígio social, sem

prejuízo do ensino da norma culta e da língua padrão, porque o principal objetivo da escola é levar os alunos a se tornarem eficientes em sua própria língua, porque, como nos lembra Evanildo Bechara (1987, p. 55-56),

o que em geral ocorre é que todo falante, dentro de sua língua histórica, é "plurilíngue" ou "poliglota", isto é, ao lado de uma técnica que considera normal como sua, consegue distinguir "desvios" dessa técnica, que pertencem a outras línguas funcionais existentes na referida língua histórica considerada em sua plenitude.

Enfim, apesar da necessidade de dominar a gramática normativa, que descreve a língua padrão com base na língua escrita dos autores exemplares, é preciso que o professor considere e prestigie a gramática interna da comunidade de fala em que estiver inserida a escola em atuação, analisando cada variante linguística de seus alunos, com zelo científico e pedagógico para seu maior sucesso profissional e para maior proveito de seus alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (Orgs.). *Introdução à linguística*, vol. 1. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

BECHARA, Evanildo. *Ensino da gramática*. Opressão? Liberdade? 3. ed. São Paulo: Ática, 1987.

CARVALHO, Castelar de. Saussure e a língua portuguesa. *Revista Philologus*, ano 09, n. 27 – Suplemento. Rio de Janeiro: CiFEFiL, p. 102-111, 2004. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viisenefil/09.htm>>.

COELHO, Izete Lehmkuhl; GÖRSKI, Edair Maria; MAY, Guilherme Henrique; SOUZA, Christiane Maria Nunes de. *Sociolinguística*. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2012. Disponível em: <http://ppglin.posgrad.ufsc.br/files/2013/04/sociolingu%c3%adstica_ufsc.pdf>.

GAGNÉ, Gilles. A norma e o ensino da língua materna. In: BANO, Marcos; STUBBS, Michael; GAGNÉ, Gilles. *Língua materna: letramento, variação & ensino*. São Paulo: Parábola, 2002, p. 163-243.

LUFT, Celso Pedro. *Língua e liberdade: o gigolô das palavras*. Para uma nova concepção de língua materna. 3. ED. Porto Alegre: LP&M, 1985.

MCCLEARY, Leland. *Sociolinguística*. Florianópolis: CCE/UFSC, 2009. Disponível em:

http://www.libras.ufsc.br/colecaolettraslibras/eixoformacaobasica/sociolinguistica/assets/547/texto-base_sociolinguistica.pdf

PERINI, Mário Alberto. *Sofrendo a gramática: ensaios sobre a linguagem*. São Paulo: Ática, 1997.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil, 1996.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 34. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SANTOS, Edieme de Almeida Moreira. Importância da sociolinguística nas aulas de língua portuguesa. In: SILVA, José Pereira da. (Org.). *A sociolinguística: trabalhos de linguística aplicada ao ensino de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Autografia, 2017, p. 45-60.

SILVA, José Pereira da. Tópicos de sociolinguística aplicada ao ensino de língua portuguesa. In: _____. (Org.). *A sociolinguística: trabalhos de linguística aplicada ao ensino de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Autografia, 2017, p. 9-12.

_____. (Org.). *A sociolinguística: trabalhos de linguística aplicada ao ensino de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Autografia, 2017.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad.: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.